

Capítulo 1

PELA TOCA DO COELHO ABAIXO

Alice começava a ficar mais do que farta de estar para ali sentada ao lado da irmã, na margem do rio, sem ter nada que fazer. Por uma ou duas vezes deitara uma espreitadela ao livro que a irmã estava a ler, mas era um livro sem gravuras nem diálogo, «e para que serve um livro», pensou Alice, «onde não há gravuras nem diálogo?».

Estava, por conseguinte, a tentar decidir mentalmente (isto na medida do possível, porque o dia estava quente e o calor fazia-a sentir-se muito ensonada e obtusa) se o prazer de tecer uma grinalda de malmequeres valeria o trabalho de se levantar para apanhar os malmequeres, quando de repente um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa passou por ela a correr.

Não era coisa assim *muito* de espantar. E Alice também não achou que fosse *muito* fora do comum ouvir o Coelho dizer com os seus botões: «Ó céus! Ó céus! Vou chegar tarde de mais!» (Quando, mais tarde, voltou a pensar em tudo aquilo, ocorreu-lhe que devia ter ficado admirada, mas, na altura, tudo parecia perfeitamente natural.) Mas, quando se

chegou ao ponto de o Coelho *tirar um relógio do bolso do colete*, olhar para ele e deitar de novo a correr, Alice pôs-se em pé de um salto porque se lembrou de repente que nunca antes tinha visto um coelho de colete, e muito menos com um relógio no bolso do mesmo. Ardendo de curiosidade, correu atrás do Coelho pelo campo fora e, felizmente para ela, mesmo a tempo de o ver enfiar por uma grande toca, debaixo da sebe.

No momento seguinte, a própria Alice se metia pela toca abaixo, atrás dele, sem pensar uma vez sequer em como poderia voltar a sair. A toca prosseguia a direito, como um túnel, por uma certa distância, para logo se inclinar subitamente para baixo, tão subitamente que Alice não teve um instante que fosse para pensar em travar, antes de se ver a cair por um poço muito fundo abaixo.



Isto é, ou o poço era muito fundo ou ela caía muito devagar, porque o certo é que teve imenso tempo para olhar em volta, enquanto descia, e tentar imaginar o que lhe iria suceder em seguida. Primeiro, tentou olhar para baixo e ver onde iria parar, mas o poço era demasiado escuro para ver fosse o que fosse. Depois, olhou para as paredes do poço e notou que estavam cheias de armários e estantes; aqui e além, viu mapas e gravuras pendurados em escápulas. De passagem, tirou um boião de um dos armários. Tinha um rótulo onde se lia «DOCE DE LARANJA», mas, para seu grande desapontamento, estava vazio. Não lhe agradando a ideia de deixar cair o boião, com medo de matar alguém, lá conseguiu metê-lo noutro armário, ao passar, sempre caindo, junto dele.

— Ora bem! — considerou Alice. — Depois de uma queda como esta, que importância posso eu dar a qualquer trambolhão por uma escada abaixo! E, lá em casa, que valente que eles me vão achar. Ora! Ainda que caísse do telhado, não diria nem ai nem ui! — (O que, muito provavelmente, até era verdade.)

E caía, caía, caía. Seria possível que aquela queda *nunca* chegasse ao fim?

— Só gostava de saber quantos quilómetros já caí até agora! — disse, em voz alta. — Devo estar a aproximar-me do centro da Terra ou coisa assim. Deixa cá ver! Hão-de ser uns seis mil quilómetros de profundidade, penso eu... — (É que, não sei se sabem, Alice tinha aprendido muitas coisas como esta na sala de aulas e, embora aquela não fosse uma ocasião lá *muito* boa para exhibir os seus conhecimentos, já que não havia ali ninguém para a ouvir, nem por isso deixava de ser um bom treino repeti-los.) — Sim, deve ser essa a distância certa... Só não sei é em que latitude ou longitude estarei! — (Alice não fazia a mínima ideia do que seriam latitude ou longitude, mas pensou que ficaria bem utilizar tão belas e importantes palavras.)

Daí a pouco, recomeçava: «Será que vou cair através da Terra *inteira*? Vai ser bem giro aparecer no meio das pessoas que andam de cabeça para baixo! Os Antipatias, creio...» (E, desta vez, bem satisfeita estava por *não haver* ninguém a ouvi-la, porque não lhe parecia que aquela fosse a palavra certa.) «Mas vou ter de lhes perguntar o nome da terra. Desculpe, minha senhora, isto aqui é a Nova Zelândia ou a Austrália?» (E, ao mesmo tempo que falava, tentou fazer uma vénia — imaginem o que seria *fazer uma vénia* durante uma queda! Acham que seriam capazes?) «Mas que ignorante ela vai pensar que eu sou, a fazer uma pergunta destas! Não, o melhor é não perguntar nada. Talvez veja o nome escrito nalgum lado!»

E caía, caía, caía. Como não havia mais nada que pudesse fazer, pouco tardou para que Alice recomeçasse a falar. «Pobre Diná! As saudades que vai ter de mim esta noite!» (Diná era a gata.) «Espero que se lembrem de lhe dar o pires de leite à hora da merenda. Minha querida Diná! Quem me dera que estivesse aqui em baixo, comigo! Não há ratos no ar, bem sei, mas podias apanhar um morcego, que é um bicho muito parecido com um rato. Mas será que os gatos comem morcegos?» E, nesta altura, Alice começou a sentir-se cheia de sono e continuou a repetir para si própria, como num sonho, «Os gatos comem morcegos? Os gatos comem morcegos?» e, por vezes, «Os morcegos comem gatos?» porque, não sei se estão a ver, como não sabia responder a nenhuma das perguntas, pouco interessava o modo como as fazia. Sentiu que estava mesmo, mesmo a adormecer e começara já a sonhar que passeava de mão dada com a gata Diná, dizendo-lhe com ar muito sério: «Diz-me lá a verdade, Diná. Alguma vez comeste um morcego?», quando, de repente — catrapumba! —, caiu em cima de um monte de paus e folhas secas. A queda chegara ao fim.

Alice não se magoara nem um bocadinho e, num instante, pôs-se em pé de um salto. Olhou para cima, mas, por sobre a sua cabeça, tudo era escuridão. À sua frente, estendia-se uma nova e longa passagem e, correndo por ela fora, avistava-se ainda o Coelho Branco. Não havia um segundo a perder. Rápida como o vento, Alice lançou-se atrás dele, mesmo a tempo de o ouvir dizer, ao voltar uma esquina: «Pelas minhas orelhas! Pelos meus bigodes! Está-se a fazer tão tarde!» Apesar de virar a esquina quase atrás do Coelho, Alice já não o avistou. Encontrou-se numa sala comprida e de tecto baixo, iluminada por uma fila de lâmpadas penduradas no tecto.

Em toda a volta da sala havia portas, mas todas essas portas estavam fechadas. E depois de percorrer do princípio ao fim um dos lados da sala, e logo do fim ao princípio o outro lado, experimentando todas as portas, caminhou tristemente pelo meio, sem saber como poderia alguma vez sair dali.

De súbito, deparou com uma pequena mesa de três pés, toda feita de vidro. Em cima dela, havia apenas uma minúscula chave dourada. Alice logo pensou que poderia ser a chave de uma das portas da sala. Mas, pobre dela!, ou as fechaduras eram demasiado grandes ou a chave era demasiado pequena, o certo é que não abria porta nenhuma. Contudo, ao dar uma segunda vez a volta à sala, deu com uma cortina que vinha até ao chão e em que não tinha reparado antes. Por detrás havia uma portinha com uns quarenta centímetros de altura e, experimentando a chave dourada na fechadura, Alice verificou, com grande satisfação, que servia.

Alice abriu a porta e descobriu que conduzia a um pequeno corredor, não muito maior que uma toca de rato. Ajoelhando-se, espreitou pelo corredor e, ao fim, avistou o jardim mais bonito que se possa imaginar. Como dese-

java ver-se fora daquela sala escura e passear por entre os canteiros de flores garridas e as frescas fontes do jardim! Mas não conseguiu sequer passar a cabeça por entre os batentes da portinha. «E mesmo que a minha cabeça passasse», pensou a pobre Alice, «de pouco serviria sem os ombros. Ó quem me dera poder encolher como um telescópio! E tenho a impressão de que poderia... se ao menos soubesse como começar.» Isto porque, não sei se estão a ver, tinham sucedido tantas coisas fora do comum até ali que Alice começava a pensar que muito poucas seriam realmente impossíveis.

Como não lhe parecia que servisse de muito ficar ali à espera, Alice voltou para junto da mesa de vidro, na vaga esperança de ir encontrar outra chave ou talvez um livro de instruções que ensinasse as pessoas a encolherem como telescópios. Desta vez, havia uma garrafinha em cima da mesa («que, de certeza, não estava aqui há bocadinho», pensou Alice), e pendurado no gargalo havia um rótulo de papel, com a palavra «BEBE-ME» belamente impressa em grandes letras.



Era muito bonito dizer «Bebe-me», mas a pequena Alice, ajuizada como era, não ia fazer *tal coisa* assim do pé para a mão. «Nada disso», pensou. «Primeiro, tenho de ver se a garrafa diz “veneno” ou não.» É que ela tinha lido várias e instrutivas histórias acerca de crianças totalmente queimadas, devoradas por animais selvagens e outras coisas desagradáveis, tudo por não *serem capazes* de recordar as simples regras que as pessoas amigas lhes tinham ensinado, como, por exemplo, que um atizador em brasa nos queima se o segurarmos durante demasiado tempo e que, se cortarmos um dedo *muito* fundo com uma faca, ele geralmente sangra. E Alice não esquecera que, se bebermos muito de uma garrafa que diga «veneno», é quase certo acabarmos por nos sentir mal, mais tarde ou mais cedo.

Entretanto, como a garrafinha em questão *não* dizia «veneno», Alice atreveu-se a provar o conteúdo e, achando-o agradável (na verdade, o sabor era uma mistura de torta de cereja, leite-creme, ananás, peru assado, caramelo e torradas com manteiga), pouco tardou a bebê-lo todo.

* * * *

«Que sensação tão estranha!», pensou Alice. «Devo estar a encolher como um telescópio.»

E era isso mesmo que estava a acontecer. Alice tinha agora apenas vinte e cinco centímetros de altura e o rosto iluminou-se-lhe ao pensar que estava com o tamanho exacto para passar a tal portinha que dava para o jardim maravilhoso. No entanto, primeiro, esperou alguns minutos a ver se não iria encolher ainda mais, uma ideia que a punha um pouco nervosa. «Porque, está-se mesmo a ver», disse Alice de si para si, «podia acabar por desaparecer de todo, como uma vela. Só gostava de saber como ficaria eu se isso acontecesse?»

E tentou imaginar como será a chama de uma vela depois de a vela estar apagada, porque não se lembrava de alguma vez ter visto tal coisa.

Daí a pouco, vendo que nada mais acontecia, decidiu encaminhar-se imediatamente para o jardim. Mas, pobre Alice!, ao chegar junto da porta, verificou que se tinha esquecido da pequena chave dourada e, ao voltar para junto da mesa para a ir buscar, verificou que não lhe conseguia chegar. Via-se perfeitamente através do vidro e fez o possível por trepar a uma das pernas da mesa, mas era demasiado escorregadia. Finalmente, depois de se ter estafado a tentar, a infeliz pequena sentou-se no chão e pôs-se a chorar.



«Vá lá! Para que serve chorar dessa maneira!», disse para consigo em tom severo. «Aconselho-te a parares imediatamente!» Os conselhos que dava a si própria eram geralmente óptimos (embora raramente os seguisse) e por vezes *ralhava-se* tão asperamente que lhe chegavam as lágrimas aos

olhos. Inclusivamente, lembrava-se de ter tentado dar umas bofetadas em si própria por ter feito batota consigo num jogo de *croquet* em que se tinha a si mesma por adversária, pois esta curiosa personagem gostava imenso de fingir que era duas pessoas. «Mas agora de que me serve», pensou a pobre Alice, «fingir que sou duas pessoas? Ora! O que resta de mim mal chega para *uma* pessoa, quanto mais para duas!»

Mas logo deu com os olhos numa caixinha de vidro que estava debaixo da mesa. Abrindo-a, encontrou lá dentro um bolo muito pequenino. Por cima, muito bem escrita com pequenas passas, lia-se a palavra «COME-ME». «Bom, e é que como mesmo», exclamou Alice, «e, se me fizer crescer, já posso apanhar a chave. Se me fizer diminuir, conseguirei passar por baixo da porta. Assim, de uma maneira ou de outra, vou conseguir chegar ao jardim e o resto não me interessa!»

Deu uma dentadinha no bolo e, ansiosamente, pôs-se a dizer: «Para cima ou para baixo? Para cima ou para baixo?», ao mesmo tempo que punha a mão em cima da cabeça, tentando descobrir se estava a crescer ou a diminuir. Muito surpreendida, viu que tinha ficado do mesmo tamanho. É claro que isto é precisamente o que acontece (ou melhor, é o que não acontece) quando se come um bocado de bolo, mas Alice já se habituara de tal maneira a que só lhe acontecessem coisas fora do comum que lhe parecia agora uma coisa estúpida e sem graça a vida continuar da maneira habitual.

Assim, deitou-se ao trabalho e em breve tinha acabado de comer o bolo.